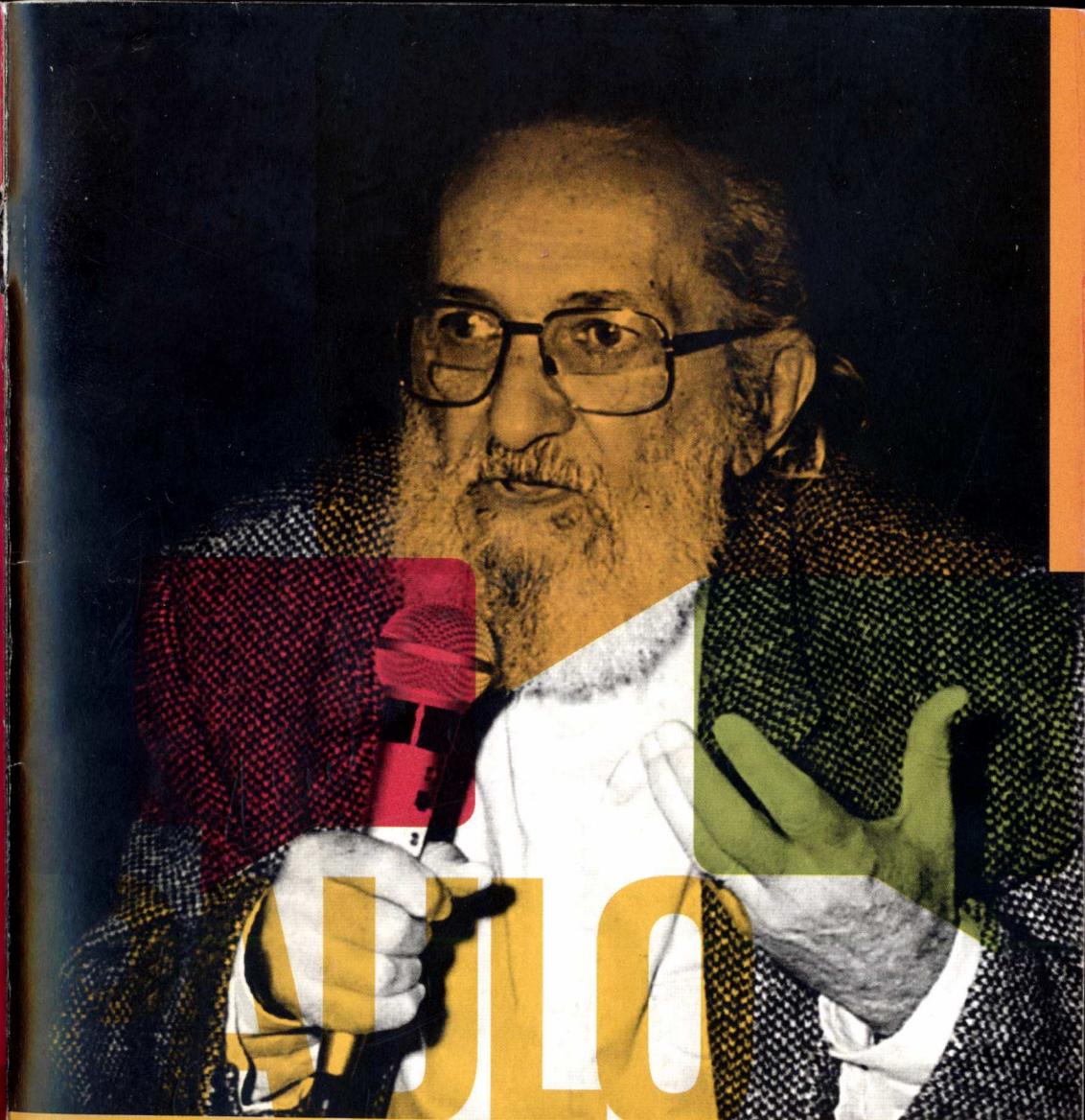




www.appsindicato.org.br



DIÁLOGO COM **PAULO FREIRE**



VAMOS COMPOR A MESA



Professor Pedro Elói Rech: coordenador da mesa

Adriano Nogueira

Professor da Unicamp e que atua nas áreas de Filosofia e Pedagogia.

Estava anunciado no cartaz que chamava para este evento a presença de Ana Maria Araújo Freire, que por motivos de ordem particular – elaboração final de sua tese de doutoramento – não pode aqui comparecer hoje.

Manoel Jacó Garcia Gimenez

Professor da UEM.

Carlos Alberto Arguello

Professor da Unicamp. Atua na área de física.

Eduardo Sebastiani

Professor da Unicamp: Atua no campo da matemática.

Irma Lovato Ribeiro

Representando o APP-Sindicato – Núcleo sindical de Umuarama e sua coordenadora de formação psico pedagógica.

E o nosso convidado especial

Professor Paulo Freire

Apresentar Paulo Freire se torna até desnecessário uma vez que o seu nome por si só e a sua história é suficiente para a sua apresentação. O que gostaríamos então de fazer é apresentar ao senhor e aos componentes da mesa o pessoal que aqui está para ouvi-los. São os professores da cidade e da região; os acadêmicos da faculdade de Filosofia e os alunos concluintes do segundo grau, das escolas de magistério da região. São pessoas que aqui estão porque ainda acreditam que se pode fazer um grande trabalho com a educação; acreditam na possibilidade de que efetivamente podemos contribuir para a formação de um mundo melhor e que acreditam naquilo que o Sr. costuma falar, de que a educação é um grande ato de amor. Eles estão aí para ouvi-lo.

Paulo Freire é autor de livros que a maioria conhece: Educação como Prática da Liberdade, Pedagogia do Oprimido, Conscientização, entre outros. Paulo Freire é conhecido mundialmente pelo seu método de alfabetização de adultos. Quanto ao mais, queremos ainda lhe dizer da grandiosidade deste momento para o sindicato dos professores. O nosso sindicato é composto por uma diretoria geral e por vinte e quatro núcleos sindicais. O nosso núcleo aqui de Umuarama é um núcleo de oposição. Não atuamos em concordância com

o trabalho da direção geral, em função de sua linha de atuação.

Esta oposição se dá pelo conservadorismo de suas posições e pro sua ineficiente atuação em meio a momentos de graves crises. Nós aproveitamos essas crises – e a crise abate profundamente o magistério do Paraná, a tal ponto que no mês passado, o professor dos três primeiros níveis tiveram um pagamento extra, de complementação salarial para que este atingisse o salário mínimo. Mas apesar disso, nós acreditamos na capacidade de transformação que a educação tem. E a força que queremos imprimir ao sindicato nesses momentos, em que se obtêm poucos avanços de carreira e nas questões mais corporativas, buscamos avanços na formação político-pedagógica.

E por isso Paulo Freire, o senhor imagina, o que este momento representa para nós. É um momento grande e muito significativo.

Mas vamos ao debate: Inicialmente os debatedores farão uma pequena intervenção, uma pequena reflexão para então Paulo Freire responder a estas provocações.



Da esquerda para a direita, Adriano Nogueira, Carlos Alberto Arguello, Irma Lovato, Paulo Freire, Eduardo Sebastiani, Manoel Jacó Garcia Gimenes e Pedro Elói Rech

Iniciaremos com a nossa representante, a professora Irmã Lovato Ribeiro.

Professora Irma Lovato Ribeiro

► Para mim hoje, sem dúvida, é um dia solene. Não só solene porque sou a única representante feminina aqui em cima, mas principalmente, porque é muito forte para mim, poder dialogar com o educador Paulo Freire, um homem incomparável na educação brasileira e reconhecido no mundo todo.

O que chama atenção, e muita atenção, especialmente para mim, é que em suas obras existe uma relação de prazer, de amor e de diálogo na sua forma de interagir e de interpretar o mundo. Isto qualquer interlocutor atento percebe.

Outra coisa muito forte – que eu também noto é a sua convicção. Quem já leu o livro *Conscientização*, se lembra daquela parte em que, formado em direito, abandona a carreira, logo em sua primeira causa, a cobrança de uma dívida e..., abandona a profissão. Gostaria de ler esta parte porque a considero muito forte: “Após falar com o jovem dentista, devedor tímido e vacilante, deixo-o ir em paz: que passe sem mim, que

prescinda do advogado; sentia-me muito feliz por não o ser daí por diante.

Nota-se nesse momento a convicção da escolha. O que para nós foi muito bom isso ter acontecido, e estar aqui entre nós educadores. E, mais importante ainda, estar conosco aqui em Umuarama, hoje. É de suma importância isso, para que nós possamos ver e sentir a beleza dessa visão de mundo e seria necessário apresentar muitas questões para que se pudesse apreender toda a beleza dessa visão. Mas vou ficar com um questionamento bem abrangente para que possamos apreender a sua ideia e visão de mundo.

Nós sabemos que o contexto histórico e social hoje é caótico e que a falta de lideranças governamentais firmes, a descontinuidade de projetos governamentais e da falta de acompanhamento e avaliação destes projetos gera inclusive a descrença e a impunidade. Para mim é muito terrível isso.

Gostaria que o professor Paulo Freire deixasse uma mensagem para nós educadores de como dialogar com o mundo, diante desse fato.

Paulo Freire

► Eu acho que, e antes de responder a tua pergunta, eu devo dizer da satisfação e não tenho dúvida que não é só minha. Nós estávamos agora ainda comentando, juntos quando tivemos a primeira visão desta beleza do conjunto de edifícios, Arguello e Eduardo, estávamos comentando a força disso. A gente anda e de repente encontra uma cidade muito bonita, cheia de verde, cheia de vida, com uma possibilidade de desenvolvimento da cultura, com as bases aí postas.

Então é uma alegria para nós estarmos aqui hoje, com esta sala cheia e tentar uma conversa com a mesa e com o público. Agora eu te agradeço também (voltando-se para a professora Irma) e..., foi bom começar pela sensibilidade que com duas ou três palavras – nos ambientar com alguns traços mais fortes em minha personalidade, que se refletem no que eu faço e no que eu escrevo. Na verdade eu sou isso. Eu sempre digo que eu conheço com o meu corpo inteiro e não só com a minha mente, mas também com os meus pleitos, paixões, fantasias,

desejos e com os meus sentimentos. Eu sou isso. Não apenas a minha mente. Eu sei que eu sou isso, mas fico contente quando eu sei que alguém sabe que eu sou isso.

Em segundo lugar, a tua pergunta é uma pergunta que às vezes me fazem fora do Brasil. Ma fazem dentro de outro contexto, com outro pensamento, em outro desenho. Eu me lembro que alguns anos atrás, um jovem estudante, em Londres, num auditório imenso me fez uma pergunta que tem a ver com esta tua. Ele disse: Professor Freire, eu quero saber como é que o senhor explica, que apesar de tudo, o senhor continua com esperança. É claro que ele falava de um contexto mundial e tu me falas dentro do nosso contexto, o Estado imediatamente em frente a nós.

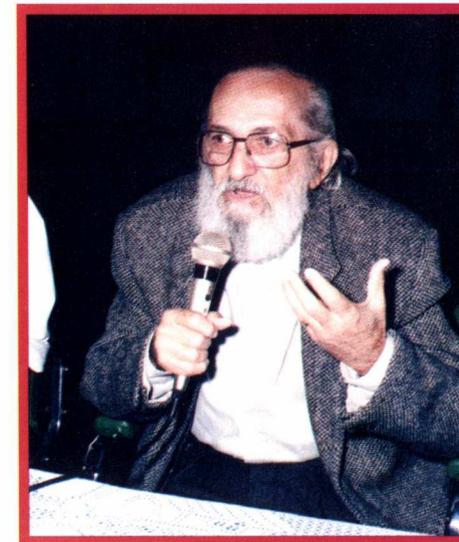
Eu acho o seguinte, que não há possibilidade de nós termos, se nós homens e mulheres, se não continuarmos brigando para ser, quer dizer, ninguém é, se não briga para ser. Não é possível, em outras palavras, ninguém é gratuitamente, ninguém é sem fazer força. Ninguém é sem brigar. Até a briga é uma coisa formidável. É uma coisa que faz a gente. Não é necessariamente a briga corpo a corpo, mas às vezes também. Não é a briga de murros, nem de facas, nem de tiros, mas a briga que se dá historicamente, as brigas, as lutas para mudar o mundo. Isso de que tu falas é exatamente, tem a ver com a necessidade imperiosa de nós, brasileiras e brasileiros (sem nenhuma alusão ao presidente Sarney), reorientarmos a política deste país. Porque não é possível continuar com a sociedade brasileira do jeito que está. E a forma injusta como a sociedade brasileira funciona, como a sua economia funciona, como a sua política de privilégios e falsificações se faz é que provoca em muitos de nós o desânimo, que pode nos levar a um tal pessimismo, do qual, para sairmos, irá ser muito difícil. De maneira que o importante para mim é não deixarmos que a gente caia no pessimismo. É brigar contra essa possibilidade, mas isso de uma forma crítica, não ingênua. Quer dizer que a militância político-partidária é sumamente fundamental.

Quando eu digo militância, eu não digo que a militância deve ser igual para todo mundo, quer dizer..., eu sou militante de um partido e tenho um profundo respeito pelos militantes dos outros partidos. Acho que devem existir. Acho que a diversidade é absolutamente fundamental numa democracia. Eu acho que o consenso é profundamente antidemocrático. Eu tenho horror ao consenso. O consenso não é

democrático. Eu só aceito o consenso quando se está às vésperas de uma catástrofe geral. Então o consenso pode evitar a catástrofe, mas depois que esta é afastada, a gente deve consciencializar e voltar ao desconsenso. É exatamente na diferença que a gente faz a unidade. E..., coisa que a gente não aprendeu ainda e entre a esquerda brasileira então, isso é uma maravilha. Quem quiser seguir dentro de brigas, dentro de um mesmo horizonte, estude a esquerda brasileira. Isso dá uma tese de pós-doutoramento. Não é nem de mestrado. O tempo não pode ser desperdiçado com um mestrado. Tem que ser pós-doutoramento.

Quer dizer, a tua pergunta, tem uma razão de ser. A deterioração ética que nós temos nos leva a perguntar... A sucessão de escândalos no país, a impunidade no país, a sem-vergonhice que se democratiza no país e tudo isso cria, gera certa atitude de descrença de que tudo será pior e que se pode estender para sempre. Em que a gente diz: puxa, eu já fiz alguma coisa. Cabe agora para as gerações mais novas fazerem. E quando a deterioração ética cresce muito você ouve de uma geração que já fez muita coisa e que agora a outra geração o faça..., então está tudo acabado. Porque o importante, o fundamental é que para a gente chegar, que a gente lute para chegar à chamada idade provecta, continuando na briga. Quer dizer, eu me recuso e eu me recuso a fazer o discurso de que as gerações novas, de agora em diante, é que façam. Eu continuo com o dever de continuar lutando.

Mas, te digo para terminar, a resposta para a tua pergunta, é que implica nós cada vez mais, termos um conhecimento cada vez mais rigoroso para entender as razões daquilo que implica a prática, a participação crítica, na prática política. É essa hipótese que no meu entender ajuda que nós educadoras e educadores continuemos apostando na necessidade de trabalhar seriamente, apesar de tudo.



Adriano Nogueira

► Em primeiro lugar, me sinto muito satisfeito de estar com vocês e já comentei com o Elói, que eu me identifiquei muito com esta frase (Os filósofos não fizeram senão interpretar o mundo. O que importa é transformá-lo), que nos precede, que nos açambarca na história de mundo, na história de nossas teimosias. Vocês usam aqui uma reflexão sobre a transformação. E eu me lembrei de provocar o Paulo, ontem à noite, Paulo em que tu falavas da mudança, numa conversa com estudantes em que ele mencionava que nas mudanças alguns tópicos e num deles a profunda interação, uma profunda percepção de interação, e como ele voltou a falar em mudanças agora..., é deste tema que eu gostaria que a gente fuçasse mais.

Eu creio que somos todos professoras e professores e talvez uma das sensações que mais acompanha a gente é ouvir dos profissionais da educação que essa coisa não muda..., a coisa é sempre a mesma. Em todo lugar em que a gente vai está cansando ouvir falar de salários baixos, em governador que não cumpre e não respeita a legislação em educação. E lembro aquele desabafo do Lula, o Brasil está de saco cheio destas coisas e por isso eu gostaria, e, em consonância com o tema da semana, do dia – o Paulo até falava da interação entre educação e mudança e percepção de mudança – um item teu Paulo, que tu mencionavas é que o ser humano por ser capaz de mudança, sente a profunda percepção desta mudança em que eu estou inserido e agora você acrescentava que estar inserido não é apenas aquele que fala mal, aquele que é crítico e cético, que malha o governador, o Collor, o PC Farias. Isso já está tão batido. E não é também aquela alegria do Sérgio Malandro, tão esfuziante...

É no meio disso que eu, o ser humano me desejo como um ser de mudanças. Gozado, Paulo. Eu tenho tido o gosto de ouvir, já há tantos anos em que estou contigo e sucessivas vezes as tuas afirmações me surpreendem, como ontem à noite, esta informação tua de que a capacidade da transformação, que eu sou capaz de fazer parte das mudanças, porque eu faço parte de tudo isso. Esta redundância que tu colocaste; Eu faço parte de algo, que não é este algo, porque muda. Porque eu sinto que faço parte de alguma coisa que neste sentido que a transformação é algo que engendra. É um processo químico (O Jacó é químico e a nossa homenagem a ele). É algo que engendra de dentro de

alguma coisa. É repetir palavras: Faço parte de algo, porque sinto que faço parte e sinto que também não sei. Faço análise de conjuntura, faço análise da realidade, consulto os dados do DIEESE, do sindicato..., mas eu não sei dentro do que sei o que está se engendrando..., o não saber que é o da coisa nova.

Ontem tu ias por aí também.

Paulo Freire

► Nós trabalhamos juntos, penso que há uns dez anos, mais há 14 anos. Desde que eu voltei do exílio. Adriano foi meu aluno no primeiro curso, no primeiro semestre na Universidade de Campinas e em todo o semestre ele repetia..., tirando o meu assento, sem ganhar dinheiro na Universidade. Eu gosto muito de ser instigado pelo Adriano, do jeito de ele dizer as coisas. Ele tem um jeito filosófico.

Eu acho o seguinte Adriano: a forma como vimos fazendo as tramas e metidos nas tramas que eu faço e que se dão dentro da história, estamos e somos isso, porque inseridos nas tramas fazemos parte e às vezes 100% das próprias transformações que se processam na história. O ideal para mim e é nisso que eu venho insistindo há bastante tempo como educador, o ideal para mim é que tanto quanto possível sejamos capazes de apreender a razão de ser da vida e a razão de ser dos fatos em que estamos envolvidos, não em uma atitude puramente racional, mas em uma atitude em que a razão desista. Por isso mesmo busque a razão de ser das tramas e dos fatos. Quase sempre porém, nós estamos de tal maneira metidos nos universos do processo das transformações históricas que não temos condição de nos distanciar do processo de transformações.

Somos muito mais envolvidos no processo do que sujeitos do processo e é por isso que às vezes nos surpreendemos também quando estamos lutando, sem saber por que estamos lutando. A história, na verdade, não pergunta, se na rua X, o número 42, a história não passa dados e nem pergunta se você sabe estão havendo mudanças, se estão estourando mudanças no país. A gente está vivendo uma mudança e quase sempre sem nenhuma apreensão da razão de ser desta mudança.

A gente vai vendo. Por isso é que a gente, por exemplo, vê de uma geração para outra, certos momentos, que tem muito a ver com o desenvolvimento das mudanças tecnológicas, as mudanças sociais, as mudanças históricas, a gente vai vendo como de uma geração para outra, certas dimensões da experiência social passam com uma rapidez enorme. A gente vê isso, por exemplo, no traço da educação dos filhos, quando a gente tem 5 ou 6 filhos, que a gente observa que a maneira como a gente lidou com o primeiro filho, não é a maneira como a gente está lidando com o último e a diferença é as vezes de 6 ou sete anos de um para o outro. Aí às vezes há mudanças aceleradas, há contextos que ocorrem com uma rapidez enorme, sem que nós, que somos afetados, que deveríamos ser os sujeitos destas mudanças, não temos às vezes a consciência exata daquilo que ocorre.

E é uma coisa no exemplo brasileiro de certos centros urbanos, é isso. Os comportamentos sem querer falar do momento atual, da área que está operando no mundo todo, o da sexualidade, a prática da sexualidade. Tirando de escanteio a AIDS, a questão da sexualidade no Brasil teve, dentro de uma mesma geração, que provocou o sofrer diferenças enormes e extraordinárias. Eu costumo dizer, por exemplo, a história da TV., do rádio e do escrito também. Quando eu era criança, e... isso faz muito tempo..., eu tinha sete anos e nas brincadeiras existentes, de pular corda, eu caí, eu pulei errado e quebrei a coxa. E sofri muito..., a medicina precária do tempo, dos médicos andarem esticando minha perna e o que era correto, penduravam tijolos nos pés e punham a cama de cabeça para baixo. Era terrível.

E eu me lembro que o pessoal ia me visitar e eu falara que tinha quebrado a coxa e a minha mãe, no dia seguinte, chegou junto de mim, muito bondosa, mansa, muito amorosa, a mãe disse para mim: meu filhinho, quando alguém agora vier visitar você, não diga mais isso, diga, fracturei o fêmur. É uma história deliciosa, é uma história maravilhosa..., minha mãe me metendo na cabeça, que eu, com sete anos..., tinha que dizer uma palavra tão feia como essa: fêmur. Agora, porque substituir a palavra coxa por fêmur? A palavra coxa está muito perto da geografia sexual. Então a palavra coxa era uma palavra perigosa, uma palavra feia, um nome feio. Na minha infância, quer dizer, na adolescência de minha mãe, ela tinha alcançado do ponto de vista do corpo, o tornozelo, apenas. A minha mãe falou do joelho e não podia subir para a coxa.

Não é uma coisa formidável isso. Você vê como as partes do corpo, os seus nomes, eram limitados, restringidos por uma ética semvergonha, por uma moral hipócrita, falsa. A geração da minha filha já pegou o corpo todo... E a geração agora, das minhas netas, já estão em outro pedaço. A coisa se dá com uma rapidez extraordinária. A minha geração, eu acho, que é até bom, que para fazer um teste, com educadores, homens e mulheres que dizem ser progressistas, que fazem discursos veementes sobre as transformações do mundo, que lêem esta frase linda de Marx, perguntar a eles o que fariam se a tua menina de 18 anos fizesse amor com o namorado dela. Para mim, eu quero testar a própria dignidade dos revolucionários, quero ver o que eles falam e o que eles dizem. Como se comportam. Eu passei por isso com uma nota cem, uma nota cem. Não por acaso que eu escrevi a Pedagogia do Oprimido. (...)

Veja bem, eu não estou defendendo a tese da falta absoluta de limites. Não. A juventude precisa, toda essa juventude de todas as épocas, de todos os tempos, precisa de limites. Não é possível estar com o mundo, nem estar no mundo, porque a natureza estabelece os limites. Para a distância entre uma árvore e outra, não precisa nem arrancar. A natureza resolve o problema. Se uma árvore está muito próxima da outra, se o espaço está sendo sacrificado, a natureza resolve e, uma morre. Então, sem os limites não é possível. Fugir dos limites é impossível. Sem limites não há vida. Sem limites não há crescimento, não há disciplina, não há criatividade. Sem limites não há presença no mundo. E uma das tarefas do educador, pai, mãe, professor, etc..., é estabelecer limites, enquanto autoridade.

Mas nos limites que ele estabelece com ela, há a liberdade, obviamente. São limites que não podem ultrapassar certos limites. Quer dizer, que se você, ao estabelecer limites, ultrapassa o direito de limitar, então você vira autoritário. E isso é o caos. É essa desgraça que a gente conhece tão bem no Brasil. Quer dizer que é preciso, eu acho, é que assim como é preciso compreender que as mudanças se dão dentro de uma mesma geração, sem que sequer até que ela seja percebida. Por exemplo, as conversas e, eu acho isso uma coisa linda, as conversas entre a minha neta e Nita, Nita é a minha mulher. Eu sou o marido dela. Ela tem três anos, agora. É uma menininha linda, danada de inteligente. As conversas que ela tem com a avó sobre como..., são uma coisa extraordinária. Ela fala, da..., eu vou falar uma coisa, mas não vão

pensar que a minha neta é imoral... Ela fala de xoxota como quem fala de árvore, uma coisa maravilhosa. Ela diz coisas fantásticas.

Outro dia ela chegou junto da avó e disse: sabe vovó, vovó Nita, eu descobri que tem gente, vejam só, que tem gente comendo pizza pela xoxota. E, isso ela não ouviu por parte da mãe... Isso é uma invenção necessária do desenvolvimento do próprio pensamento dela, da linguagem dela e da percepção de mundo dela. No fundo ela testa quando faz isso. Ela prova e se prova quando faz isso. Mas eu quero dizer... é o seguinte: Quando ela disse isso, vó Nita deu uma gargalhada e ela disse – por que está rindo vó..., isso é uma coisa séria. (...)

Em primeiro lugar, aos três anos de idade, Nita não teria dito isso aos três anos, porque não era o tempo dela de dizer isso. E a compreensão da história, a história quando Nita tinha três anos não tinha essa possibilidade de fazer possível a Nita esta consideração. Mas, a história hoje, não apenas possibilita, ela induz esse exercício numa criança de três anos. O problema agora é: o avô vive, no mínimo, duas histórias, a dele e a do neto, desde que ela começa, quer dizer ele vive os tempos. Então, quer dizer, ele, vira competente para adequar o seu tempo ao tempo do neto. Aí ele não fica velho. A única saída para um avô, ser avô no sentido da velhice, é ele contagiar o tempo dele com o tempo do neto ou da neta. A única possibilidade de ele continuar jovem, eu converso com os meus netos, não importa a idade deles. Eles me entendem e eu os entendo. São meus camaradas, são grandes amigos meus, mesmo depois dos 17 anos.. Ficam meus íntimos.

Mas a única saída de um avô, não ficar velho, rifado é conversar com o neto de três anos e entendê-lo. E no momento em que o neto de três anos começar a não conversar com o avô, é que o avô está rifando-se. Então é preciso, que da mesma forma com que se entende a sexualidade, e eu dei esta diferença porque a sexualidade é mais distante, mas assim como eu preciso entender que a sexualidade está mudando, é preciso entender porque a luta política e sindical, por exemplo, é outra. Quer dizer que é preciso entender como os governantes continuam, por exemplo, o governante hoje continua possessivo da coisa pública, como se fosse coisa privada dele. É uma fonte de envelhecer se ele não conversa com o neto. Ele pode ter 25 anos, um prefeito, com 25 anos e se ele se comporta assim, ele tem 150 anos. É um velho ou uma velha. Não merece respeito. Velho para merecer respeito, ele tem que respeitar a

juventude, em primeiro lugar. Se não, não merece.

Quer dizer, é esta relação, a compreensão da relação dos tempos que se impõem para nós, para que vivamos o próprio processo da transformação contínua e permanente.

E para terminar, eu diria que a educação, tem uma importância enorme para isso, porque ela pode ajudar a clarear e, sobretudo, a educação que se funde nestes sonhos maravilhosos de que nós participamos, liderados, pelo Carlos, pelo Sebastiani, pelo químico (magrinho que está aí ao lado), que é o sonho deles e de outros mais, que é o sonho de perceber que a prática educativa da iluminação do tempo, quanto mais a gente possa fazer isso, da escola primária até a universidade, tanto melhor. A gente ajuda a compreender como a gente se move nas contradições.

Carlos Alberto Arguello

► Bom. Eu, já várias vezes tive que provocar o professor Paulo Freire em reuniões como essa e o Paulo, ele diz que precisa ser provocado. E eu não acredito. Ele pode falar perfeitamente sem nenhum de nós à mesa. É difícil o papel de provocador, porque a gente tem que interpretar os anseios, as possíveis perguntas da platéia e eu fazer as perguntas, talvez calar as minhas perguntas e fazer as perguntas e que serão respondidas para terceiros.

Eu aceito esta condição de provocador porque eu posso estar apertando o Paulo... tenho aqui água, uma cadeira...e tenho que aproveitar a oportunidade porque vocês não me conhecem, você também gosta de fazer a sua propaganda.

Já que eu tenho que fazer perguntas, bom, além de tudo isso está a grande bondade do Paulo em compartilhar a sua experiência nesta conversa conosco, que somos os seus discípulos. Mas então, já que eu assumi este papel, concordei de subir aqui, eu tenho que, obrigatoriamente, fazer algumas perguntas e o que é pior, estas perguntas tem que parecer inteligentes.

Em nossas conversas, várias vezes, Paulo você falou da indignação,

da falta ou da perda da capacidade da indignação. Para mim a indignação tem uma força muito grande e talvez, por eu ter um sangue um pouco mais *caliente* (Carlos é argentino). Eu acho que desde que me tornei brasileiro, me naturalizei, quando o problema, os problemas do Brasil passaram a ser os meus problemas, quando eu comecei a me indignar frente a perversa distribuição de renda deste país, e o que é pior, em meio de toda a grande riqueza. Então a esta indignação, foram se somando outras indignações, que cada dia parece ser a minha indignação maior ainda.

O que eu queria conversar com o Paulo é sobre este poder, desta capacidade de se indignar, como uma força motora para a transformação. Mas quando a gente pensa em indignação, normalmente se pensa em murros na mesa, em brigas com tapas, se digladiando, só se pensa em briga. Mês a nossa indignação tem que ser contida, controlada e isso é difícil. Então não é sempre possível.

Então, como nós que somos muitas vezes educadores, professores, como podemos utilizar pedagogicamente esta capacidade de indignação? Como podemos fazer para ela crescer e utilizá-la então em pertinência com as nossas questões pedagógicas?

Paulo Freire

► Eu começaria a minha tentativa de resposta a Carlos dizendo que a história se faz com lutas, a história se faz com saberes, a história se faz por decisões, se faz com gosto. A história se faz com amor, mas a história se faz também com raiva. Quer dizer, a raiva é inclusive um direito. Em certas circunstâncias históricas, a raiva é um dever. A raiva se impõe assim como um dever, para que a pessoa se afirme como um sujeito. A indignação é isso

A indignação é o direito de ter o dever de protestar contra a exacerbação dos limites do desprezo. Quer dizer que não é possível, no caso brasileiro, por exemplo, que nós cheguemos ao final do século, que coincide com o fim do milênio, com as estatísticas que falam que a nossa vida no campo social, no campo da economia, no campo da educação, no campo da saúde..., é um absurdo que cheguemos ao ano 2000, daqui

a pouco, daqui a pouco..., e eu estou animado. Falta tão pouco que eu até estou esperançoso de chegar lá..., eu pessoalmente. Eu faço até um pouco de força para esperar chegar lá.

Mas o que é um absurdo é chegar em 2001 com oito milhões de crianças proibidas de terem escolas neste país. E como as estatísticas nunca dizem onde vão buscar estes números, oito milhões de meninos, mas nunca dizem onde estão estes meninos. Obviamente que nenhum filho, neto ou primo de quem está nesta sala contribui para esta estatística. Ninguém. Todos os parentes da gente, de nós todos que estamos aqui, estão na escola.

A primeira pergunta que a gente faz antes da indignação é a seguinte: Será que é papai do céu que está fazendo isso? Será que papai do céu é que não gosta. Só gosta dos meninos da gente, que papai do céu privilegia as famílias da gente? Quer dizer, que se a gente não for um muito *safadoso*, a gente discorda. Papai do céu não faria isso. Quer dizer, aqueles que acreditam na existência de papai do céu, a só existência d'Ele ou dela, para falar também da mamãe do céu, só a existência d'Ele ou dela, tal qual conhecemos, o impossibilita de fazer esta sacanagem. Deus, em sendo como se pensa como Ele é, não pode fazer isso. Seria um absurdo. Ele não pode fazer isso.

É uma coisa maravilhosa, um absoluto – ele não pode fazer uma sacanagem dessas. Ele então não pode, de jeito nenhum, querer que os filhos e netos de Paulo Freire tenham escola, mas que os filhos dos camponeses não têm, porque eu quero saber se o camponês me ama. Vou testá-lo para saber se ele me ama. Isso ele não faz. Isso seria uma sacanagem.

Isso é obra de prefeitos de cidades, de presidentes da república, de governadores de Estado, mas não de Deus. Então, obviamente, não é Deus que está proibindo que oito milhões de meninos brasileiros e meninas, tenham escola. Então, quem está proibindo? Não sou eu pessoalmente. São as estruturas. É a forma malvada como a classe dominante deste país, que agora estão dizendo que não existe mais..., já chegou esse discurso por aqui? Discurso chamado neoliberal, que diz que não existem mais classes sociais e que por isso não há mais conflitos. Eu urgentemente. Eu urgentemente oro para acontecer isso.

Pois bem, não é possível, diante de tudo isso, diante do que a

gente sabe, que nessa década – e agora eu vou dar um salto do Brasil para o mundo. Nesta década vão morrer 170 milhões de crianças, sabem do que? De sarampo, de desnutrição e de diarreia. E, sabem onde eu vi isso? Não foi em nenhum relatório do PT., foi no relatório do UNICEF, do ano de 1991. E o relatório diz mais, o seguinte: Estudamos e, como a ingenuidade é tanta, e não vai aí uma crítica ao relatório, vai até um elogio. O relatório diz: estudamos isso e a maneira como podemos vencer essa guerra..., com 2,5 bilhões de dólares acabaríamos com este problema. E aí vem outro dado do relatório. No entanto, melancolicamente diz que este é o dinheiro que as empresas americanas pagam para as televisões para venderem cigarros.

Agora eu pergunto. Diante disso é possível não se indignar? Não pode. Quer dizer é impossível não se indignar com a sem-vergonhice com que a coisa pública é tratada neste país. O desrespeito pela coisa pública, a falta de palavra.... Um ministério brasileiro comprando uma quantidade tal de bicicletas, que dá a impressão de que ele iria abrir garagens para alugar bicicletas no mundo, não é nem no Brasil. Como pode isso? Quer dizer..., a indignação passa a ser até, forma de existir. Uma necessária forma de existir. Agora, o problema fundamental que o Carlos tocou nele é como você experimenta a indignação, porque você tem formas de indignação diferentes. Às vezes você pode ter uma indignação verbalmente destrutiva, você pode ter uma indignação meio..., meio ineficaz, que a gente chama, em linguagem popular, da gíria política, de porralouquice. Essa, na verdade, não dá.

A porralouquice é a maneira melhor de você ajudar a direita no país, com ares de revolucionário. E isso é o que é pior, com pinta de revolucionário. Um porra louca é um direitista sem saber, sem saber. Dizem que o céu está cheio “assim” de porra loucos.

Mas bem, eu acho que até ali e, veja como a clareza política se impõe como uma necessidade. É a minha clareza política, é a minha coerência com o meu sonho, que é político e não pedagógico, que é político... Com a minha utopia e a minha lealdade a esse sonho e a essa utopia..., e a minha cientificidade também, quer dizer..., é o meu conhecimento rigoroso de como a sociedade reage, de como a sociedade funciona, de como se dão as relações de poder na sociedade. Eu não tenho o direito, de jeito nenhum, é isso o que a porra-louquice faz, eu não tenho o direito, de jeito nenhum, de expor a vida de ninguém. Porque eu

não sou competente para saber que o momento não é o momento de fazer A, é o momento de se fazer B. Se o momento é de fazer B e eu faço A, eu sou incompetente, absolutamente incompetente e não mereço ter o nome de progressista. Eu atrapalho a progressividade.

Então, a minha cientificidade significa a minha forma de ser tão científica quanto possível de entender os mecanismos de poder da sociedade. A minha clareza política com relação ao meu sonho político, a minha lealdade ao sonho, ao povão com que eu trabalho, e em favor de quem eu trabalho e não para quem eu trabalho. E, nunca, sobre quem eu trabalho.

Isso tem me dado as formas de expressar a minha indignação. Com isso eu quero dizer que a indignação, que eu tenho que ser o sujeito da minha indignação e não o objeto dela. Quer dizer, não posso, o meu corpo não pode apenas portar a indignação e deixar que ela exploda na esquina mais próxima. Esse é o comportamento do senso comum da indignação. Mas a indignação para ser vivida eficazmente, numa dimensão política – e, isso é muito importante que se diga, ela precisa ser medida, canalizada, adequada. Até ela precisa esperar possivelmente, quem sabe quinze dias para explodir, e não hoje.

.....

Eduardo Sebastiani

► Como o Arguello disse, a gente tem que fazer pergunta inteligente. Mas, outra coisa que a mesa tinha proposto, é a gente instigar o Paulo, mas eu acho que ele instiga mais do que a gente consegue instigá-lo. Mas eu queria levantar só uma questão que o Paulo colocou ontem lá em Goioerê, que está muito ligado com tudo isso que foi falado aqui, sobre as mudanças que o Adriano falou, que tipo de mudanças e como a gente é instigado, como o Paulo acabou de dizer, por estas mudanças. E, ontem ele deu um exemplo de mudança que ele acredita que é uma mudança de postura ética, uma mudança de concepção da ética em nossa sociedade, caindo completamente para fora deste raciocínio, quer dizer deixando de ser ético, coisas como Descartes disse: Penso, logo existo, quer dizer que Descartes era tão focado no pensar, e isto era uma postura ética dele e nos anos cinquenta (um autor) trocou isso por – eu te amo, logo existo, então era um outro tipo de ética que estava

aparecendo e, Paulo Freire ontem lançou, de repente, no meio de um bate-papo com ele, que está mudando a ética e ele então disse que acha que a ética que está aparecendo agora é este mundo que está aí e então eu disse que eu dependo, a minha existência depende de tudo isso: da água, desses pássaros, desses bichos. Então eu necessito de tudo isso para poder existir. Então muda outra vez a ética. Esta mudança da ética, da conversa nossa é mais ou menos um resgatar da ética indígena que diz que eu existo porque esta mata está aí. Se me tirarem a mata, eu deixo de existir. Então, não é ecológico, no sentido das ONGs, mas é um repensar do mundo, que é ético.

Eu gostaria de saber, Paulo, o seguinte: que parte dessa mudança da ética, qual deve ser a atitude pedagógica do professor em sala de aula. Você dizer como ele deve se portar em face desse tipo de mudança.

Paulo Freire

► Bem, em primeiro lugar eu acho que uma condição necessária para a gente alcançar, para a gente chegar a essa elaboração e à experiência dessa nova ética, que vai, vai constituir-se e dentro da nova confirmação, mesmo sem perceber, para depois então elaborar o que já está feito. Quer dizer, como eu dizia ontem, a coisa vai ter que mudar definitivamente quando alguém – me perguntando – Paulo, quem é você e, eu digo que eu sou eu e esta árvore que está aí. Nesse momento, se eu cortar um galho da árvore, sem ser agrônomo, sem ter o que justifique esta amputação de um galho de árvore, eu vou para a cadeia.

Quer dizer, esta nova ética que faz com que, eu como homem, me descubra companheiro da árvore enquanto vivos. Essa ética que, reconhecendo que eu me desgarrei da vida porque criei com os materiais da vida, a existência, mas nem por isso eu deixei de ter vida, deixei de ser natureza. Essa ética gera, necessariamente, um novo direito e uma nova pedagogia e indiscutivelmente uma nova visão de ciência.

Eu acho que hoje a gente já deveria estar nas escolas, ter intercedido, anunciando a chegada. Isso é, o trabalho do anúncio, exige o trabalho da denúncia. Não existe anúncio sem denúncia e não há denúncia sem anúncio. É o trabalho dos profetas que não são ouvidos,



a partir dessa realidade fedorenta, que vivem intensamente o seu presente e por isso prevêm o futuro e este é o trabalho dos utópicos, que também os neoliberais dizem que acabaram. Nada disso.

Acho Eduardo, que uma das formas de preparar a nova ética, seria a de viver com os alunos a experiência, testemunhando a eles a experiência de não estarmos demasiado certos das velhas certezas. Quer dizer, que no momento em que eu testemunho aos meus netos, em que eu testemunho aos meus alunos, meninos ou adultos, que eu não estou demasiado certo das certezas velhas em que se apostava, eu começo a sugerir que ao mesmo tempo, em falta de certeza demasiado certa, eu começo a abrir então, a possibilidade para a existência, primeiro, de diferentes perfeitos e, segundo, para a existência de certezas que ainda não existem, mas de certezas que chegarão.

Então, o que acontece? Nesse momento eu testemunharei para as crianças, aos educandos, outra certeza, que é a certeza de que a certeza é histórica, portanto, que a minha certeza tem historicidade. De que a certeza muda com o tempo e o espaço, de que a certeza não é universal, em primeiro lugar. Isso, aliás, é um dos achados da pós-modernidade. Nós continuamos falando demasiado da universalidade. Eu gostei até da observação feita no outro debate, quando se falava daquela questão da localidade da universalidade, de que não estamos muito certos da universalidade, que os cientistas não conseguem precisar.

A não certeza da universalidade significa que haverá formas

diferentes de universalidade e não uma universalidade das universalidades. Então eu acho que esse testemunho aos meninos os prepara para o mundo em elaboração, para a compreensão da história em processo e não a história em departamentos estáticos. Se a história é processo, a ética também é processo. Quer dizer, a ética é processual e contextual e não universal e imóvel. Não é.

Quem pretende que a ética seja universal e imóvel são, exatamente, os dominadores. A ética colonialista é a ética que decreta a infalibilidade do colonizador e a necessidade de o colonizado adequar-se a ética do poderoso. Essa é a ética dos dominadores. A ética dos dominados, ao contrário, é a ética da sublevação contra essa ética. É a ética da não certeza.

Quer dizer, para mim, nós estamos vivendo hoje, afinal de contas, esta nova ética que vai girar em torno de que eu sou eu e essa árvore, é uma ética em que assumimos a opressão da natureza. Nós assumimos a opressão da natureza e aí está uma das grandezas do movimento dos ecologistas, que nem sempre é percebida pelos ecologistas. É que no fundo nós estamos assumindo, quando eu defendo as árvores, eu não defendo as árvores porque elas são objetos que poderiam ser cortados, eu defendo a vida de quem não pode gritar por elas. E nisso eu sou mais profeta, porque o profeta é aquele que fala pelos silêncios dos que não podem falar.

Eu falo pelas árvores, eu falo pelos pássaros, eu falo pelos peixes, eu falo pelos que não podem falar. Então eu me assumo como árvore e, ao me assumir e isso me leva de volta a uma concepção profundamente humana e natural dos indígenas, da qual a gente se desgarrou burramente

E eu agora diria uma coisa, que também ontem eu disse ao Carlos. O problema que se coloca, não é retornar à fase histórica anterior, à fase atual em que estão os indígenas, mas é a de resgatar a compreensão de mundo deles e essa compreensão de mundo não inviabiliza o desenvolvimento deles, mas dá a esses povos indígenas o rumo certo, correto e eu agora diria, é o rumo, não apenas da humanização do mundo mas o da arborização do mundo. O movimento passaria pela arborização do mundo, pela *peixização* do mundo.

Quer dizer, eu acho que é esse grito de atenção à vida, aquilo a que eu me referia ontem, quer dizer, eu quero a dignidade da existência, no sentido que eu expliquei ontem, que eu defendi ontem, mas eu quero

a existência à altura da vida, eu quero a existência, curvando-se, *de pé*, à vida. E isso é ético.

Então hoje, no fundo até diria, para concluir, porque eles me instigam e pode ser que na resposta eu instigo a eles também de novo, mas acontece que instigado, aí eu falo. Peço desculpas, porque para cada um deles e para apenas uma delas. Isso é outra ética diferente. Tem que acabar com o machismo, no meu entender, tão errado quanto anti-natureza. É outra ética. A ética macha tem que acabar. E, ao acabar a ética machista, também tem que acabar com a linguagem machista, tem que acabar com a moda machista, tem que acabar tudo o que está envolvido nesse poderio absoluto do homem sobre a mulher.

É um absurdo, é uma farsa esse negócio de dizer: - eu sou o dono lá de casa – mas lá em casa, quem manda é a minha patroa. Isso é conversa. Isso é conversa. A gente manda mesmo e manda sub-repticiamente, mesmo quando ela até manda muito. Mas quem manda mesmo é a gente, mesmo quando dizemos que a mulher manda. Mas o que é preciso, é acabar com isso e, obviamente, com humildade. Eu não digo a ninguém que eu estou em processo de briga contra o meu machismo e, eu estou com setenta anos. Eu estou brigando para acabar com as marcas da herança, sobretudo eu, do nordeste, para acabar com isso. Eu tenho superado um bando de coisas, um bando. A linguagem está totalmente modificada. Não é mais linguagem macha, de jeito nenhum, de jeito nenhum.

Mas eu acho, para terminar, Eduardo, que essa nova ética que se anuncia, ela tem muito a ver com aquilo que se anuncia, ela tem muito a ver com aquilo que eu chamo de radical idade, de substantividade democrática. Eu hoje estendo a radicalidade democrática ao mundo da vida natural. Para mim hoje uma democracia social, que não é necessariamente a social democracia, é uma experiência socialista. E agora eu digo, num parêntesis, que hoje eu sou mais tocado pelo sonho socialista do que há a um ano atrás..., e há um ano, eu já estava totalmente tocado. Quer dizer, este negócio de dizer que o muro de Berlim, que não sei o que, que acabou tudo, que acabou o sonho socialista..., que o bom mesmo é o capitalismo... Isso é conversa.

Eu acho que, pela primeira vez na história do homem e da mulher, nós estamos tendo a possibilidade de apresentar o sonho socialista puro e limpo, como este barbudo aí pretendia (Marx – uma alusão à frase

exposta), mas também, como ele não pretendia, como ele nem sonhou, porque ele não podia prever, ele não era Deus, uma das condições para fazer o trabalho dele era não ser Deus, senão não prestava, seria fácil demais. Quer dizer, eu acho que nunca tivemos na história uma possibilidade de continuar o sonho socialista, mostrando, provando, que o que não prestava no chamado socialismo realista, não era um sonho socialista, era a moldura autoritária em que ele estava metido. Essa moldura autoritária tinha que ter acabado mesmo e, felizmente, acabou. Felizmente.

O que está certo, o que é bom no mundo capitalista não é o capitalismo não. É a moldura democrática burguesa, contra o que um bando de esquerdistas no mundo votou pensando burramente, incompetentemente, anti historicamente, pensando que era possível associar com o pecado original, capitalismo e democracia burguesa. Isso é uma incompetência científica. Não é isso. Não é isso.

Então hoje, eu acho que tem a ver com a questão da ética, hoje eu acho que o retorno nosso, a briga nossa, não é por uma pura democracia liberal, mas é pela radicalidade democrática, que não existe fora do sonho socialista. E é isso que a geração jovem, a minha vai até mais um tempinho, precisa ver a indignação, quer dizer que vocês é que vão ter que tocar a luta e vocês veem quem está tocando é o mundo todo. No momento, a gente observa que no mundo todo, quando há uma eleição, perde a proposta da esquerda, de modo geral está assim, no mundo todo, com algumas exceções.

Dentro de pouquíssimo tempo, não tenho dúvida nenhuma, vai começar a dar o contrário. Quer dizer, já hoje eu estou vendo o que está acontecendo com as ilusões do retorno ao capitalismo. Está tudo desesperado. Sem emprego, sem capacidade de trabalho, quer dizer, daqui a pouco vai começar tudo de novo, com uma crítica desta vez, porém espero, uma crítica histórica, séria e não uma crítica de briguinhas, de fofocas internas de nossos amigos.

Eu tenho a impressão que uma coisa que a gente vai ter que aprender é a de fazer a unidade na diversidade. A virtude revolucionária que nós não aprendemos, apesar de pensar que somos revolucionários. Mas era isso que eu queria dizer sobre a ética do eu sou eu e esta árvore.

Manoel Jacó Garcia Gimenez

► É uma grande alegria estar de volta a Umuarama, revendo pessoas que há mais de dez anos a gente já se conhece, que já estivemos juntos em muitos processos, que já tivemos até a impressão de que estávamos chegando lá, e tivemos também as preocupações de que esse lado estava um pouco distante.

Eu quero cumprimentar ao professor Elói, como liderança da classe do magistério, liderança sindical e intelectual da nossa faculdade. Quero agradecer a presença de todos vocês e..., eu fiquei por último para falar e eu já tinha ensaiado algumas perguntas..., que já perguntaram. Então fica complicado, porque agora, além das perguntas terem que ser inteligentes, estou com o estoque esgotado.

Mas como nós estamos aqui com o mestre dos mestres, o nosso querido Paulo Freire, eu quero voltar às origens de Paulo Freire. Mas antes disso, eu qualifico esse encontro como o encontro da esperança. A Irma falou em sua intervenção, isso que de certa forma, alguns anos atrás nós tínhamos a impressão de saber onde estava o túnel e queríamos achar a luz e hoje nós vemos mais o túnel. Mas as coisas estão acontecendo e quando o Adriano falou das mudanças, das transformações, realmente, não vem um aviso pelos correios – olhem, estão ocorrendo as mudanças. Não é isso.

Uma prova de que as coisas mudaram, é que este encontro está acontecendo em Umuarama e está acontecendo em Umuarama porque o Paulo Freire esteve, em outubro, em Goioerê e lá em Goioerê, no auditório lotado, nós recebemos uma caravana muito amiga, a caravana de Umuarama. E de repente, o pessoal de Umuarama passou a entender por que sendo Umuarama um centro universitário, que repente, Goioerê, que não é um centro universitário, é apenas um centro fornecedor de alunos universitários, de repente, vira um campus da UEM e de repente Paulo Freire está em Goioerê.

Quando as pessoas aqui de Umuarama, que a gente conhece há mais tempo, nós poderíamos dizer que Paulo Freire estaria em Goioerê, a cidade que me acolheu. Quando poderíamos dizer que estaríamos aqui neste auditório lindo, esta obra maravilhosa. Não é isso! Que patrimônio...! E estar aqui com Paulo Freire e com quase 50% do núcleo

interdisciplinar de ensino da UNICAMP, que é a universidade que mais produz hoje ciência no país!

Quando nós podíamos imaginar isso! Nas nossas primeiras reuniões no colégio estadual, depois nas palestras na faculdade, depois no (uma sigla), que foi uma coisa linda de morrer. Estou também vendo um pessoal de Paranaíba, que também está aqui... Quando é que nós iríamos imaginar isso! Então, de repente, as coisas se distanciaram de nós, porque quem sabe, como um rio, que são obstáculos que se colocam diante de nós. Mas, de repente, as coisas estão aí e as transformações estão ocorrendo.

Nós estamos num quadro, em nível de país, de uma guerra. E eu descobri isso em fevereiro do ano passado. Eu estava acompanhando uma delegação de Michigan, que veio conhecer o trabalho da UEM e nós estávamos em Foz do Iguaçu, terminando o trabalho, o pessoal estava chegando ao hotel e aí veio um plantão do Jornal Nacional – Plantão do jornal nacional e então todo mundo olha. E era um concerto, um dos primeiros concertos do Plano Collor, um plano para a economia, no final de janeiro do ano passado. E quando o professor que acompanhava os estudantes ouviu, ele me perguntou, fez o seguinte comentário: nós hoje, os Estados Unidos estamos com um problema seriíssimo, porque os nossos soldados estão lá no Golfo Pérsico, estão lá no Iraque e tem aqui na turma, e tem aquele ali, o loiro cabeludo, o pai dele é comandante, está lá. Vê aquela ali, o irmão dela está lá e o pessoal está lá e está muito tenso. Nós não sabemos o que vai acontecer. Só que, o que eu percebo é que vocês aqui estão em guerra todo dia.

Na hora em que ele falou isso para mim, quer dizer, ele chegou ali, viu e colocou o seguinte: É claro, dentro dos Estados Unidos, pelas diferenças entre classes, etnias, eles têm lá as suas guerras, tanto que recentemente estourou uma. Mas em nível deles, daquele segmento preciso, a guerra deles estava localizada ali, naquela campanha. Eles tinham uma segurança no dia a dia e quando ele tomou conhecimento dessas medidas, ele colocou, então vocês estão em guerra no dia a dia e daí, como eu sou um químico, eu não tenho formação política acadêmica. Nas escolas não aprendíamos isso, eu fui estudante do período do regime militar, então só me ensinaram química. As minhas críticas eu fui fazendo depois.

Então eu não entendia que realmente o quadro do país era um quadro terrível. Até pouco tempo atrás, se comparava o número de mortos da baixada fluminense com o número de mortos na guerra de El Salvador, não é isso. E os nossos números eram superiores aos daqueles países que estavam em guerra. Hoje, aquilo que estava localizado apenas na baixada fluminense, como disse o professor Paulo Freire em vários momentos de hoje, a safadeza se democratiza com uma facilidade muito grande. Hoje, a questão da baixada fluminense foi democratizada no país todo. Hoje aqueles problemas existem em cada cidade e, não só em cidades grandes. Cidades médias já têm esse problema. e, hoje se agravam, com os nossos ministros.

Nós temos no nosso continente um país que está se reencontrando economicamente, que já foi a Suíça no passado, o nosso Uruguai. Só que é um país em que os sonhos deles são limitados, porque é um país de velhos. É um país de velhos. E de repente, em nosso país, que é um continente em que as crianças surgem a cada momento e isso é abordado já numa idade, que a sociedade internacional não aceita e denuncia. Então esse quadro de diferenciação me faz pensar e, agora eu quero fazer uma pergunta ao professor Paulo Freire – professor Paulo Freire – o senhor começou com a experiência da alfabetização, que em pouco tempo mostrou que o país tinha solução. Depois desse trabalho, falar em alfabetização no mundo é falar em Paulo Freire e falar de Paulo Freire é falar de alfabetização.

Como nós estamos aqui num recinto, onde predominam professores e estudantes das licenciaturas e, como de repente esse movimento neoliberal quer rasgar a nossa Constituição, porque considera que é ela que está impedindo o país de entrar no primeiro mundo e já fizeram várias tentativas e, a cada momento se tenta, ao lado dessa CPI que caminha, os acertos para mudar itens da nossa Constituição, que já devem estar conchavados. E de repente esta Constituição, que foi feita não por constituintes autônomos, mas por parlamentares, de repente esta Constituição, com toda limitação e com todo *lobby* econômico que foi montado, conseguiu ser a nossa Constituição cidadã. E conseguiu garantir, por exemplo, para as nossas universidades, que o ensino continuasse gratuito e sem falar de uma série de outros avanços.

Agora existe um artigo nas disposições transitórias, é o artigo de número 60, que diz que em dez anos, se faria um grande esforço

nacional para a erradicação do analfabetismo.

Então, o senhor que começou esse trabalho no mundo todo, que volta, que foi recentemente secretário em São Paulo, que desde agosto do ano passado adotou o projeto Goioerê, será que nós vamos perder este dispositivo constitucional, sem tê-lo praticado. Será que é utopia pensar, que com as pedagogias disponíveis, com as lideranças e com vontade política, será que nós não vamos ver nesses anos que faltam para chegar aos dez, com o risco de ver rasgado este dispositivo constitucional? Será que nós estamos longe de ver alguma coisa acontecer nessa área? E qual seria o nosso papel como professores, como estudantes e principalmente como cidadãos? Será que, por esse momento que estamos passando, que é o da falência das instituições, em que a cada momento temos que responder para que servem? Como é que o senhor vê isso e o que nós poderemos sonhar e o que nós poderemos fazer para que esse sonho ganhe contornos?

Veja bem, Umuarama tem 40 anos, Goioerê está fazendo 37. Os choques aconteceram bruscamente. Era a mata, a extração da madeira, o café, muita mão de obra ocupada, pequenas propriedades e, depois da erradicação do café, que ainda na região de vocês ganha viço, força, é a pecuária. E que..., como responder isso com a sua experiência, mais aqui no nosso Paraná, que o senhor está adorando.

Paulo Freire

► Bem, eu vou fazer algumas reflexões sobre a questão do analfabetismo adulto, do dispositivo constitucional e já perdemos quatro anos e que obviamente não dá. Não vai ser possível.

Eu falei antes aqui, nas primeiras tentativas de respostas, na quantidade extraordinária de crianças brasileiras sem escolas. Eu gostaria de juntar agora a esses dados, outro dado. Ao lado dessa quantidade fantástica de meninos e meninas sem escolas, de meninas e meninos populares. Nós observamos também que na história recente da educação brasileira e, na história social, econômica e política brasileira recente, de uns 30 a 40 anos para cá, nós observamos o seguinte: que na medida em que a classe trabalhadora indignada, começou a se mobilizar, começou a se organizar do ponto de vista político e a fazer pressões sobre os governos e sobre a classe dominante, obviamente, no sentido de que os

governos, pelo menos nos grandes centros brasileiros ampliassem suas redes estaduais e municipais de ensino, o que aconteceu é que a classe trabalhadora conseguiu, pressionando os governos, colocar dentro das escolas, que os governos foram obrigados a ampliar, seus filhos e suas filhas, entraram em grande parte.

É interessante observar quando a gente dá uma olhadela na história da educação brasileira, é interessante observar que dos começos desse século, na metade desse século, até os anos 20 – 30 desse século, nós tivemos uma escola pública excelente, de primeira qualidade. Em todos os centros brasileiros havia sempre uma escola pública exemplar, em nível primário, ginásial ou secundário, como se chamava na época, em São Paulo, no Rio de Janeiro, o Colégio Pedro II, que vem da fase imperial e que se constituiu como modelo que ecoou pelo país todo. No Recife nós tínhamos o chamado Ginásio Pernambucano, a Escola Normal.

Quer dizer, tínhamos uma escola pública eficaz e excelente a que os adolescentes e os filhos da burguesia podiam recorrer, sem nenhum medo de que estivessem entrando numa escola pecaminosa, em que as meninas e os meninos iriam se deturpar.

Na medida em que, porém, as pressões da classe trabalhadora, pressões políticas e sociais forçaram os governos burgueses a ampliar a rede escolar, a escola pública começou a definhar. E é uma coisa fantástica, quando hoje dizem que não existe mais classe social. É uma coisa impressionante isso, esse milagre.

Então coincide historicamente que, com a entrada dos meninos populares na escola pública, com o descaso que os governos burgueses têm com a escola pública, pelo educador e pela educadora, até que no governo do golpe – nos governos militares do golpe de estado em 1964, nós alcançamos o máximo, pensávamos que era o máximo, o máximo é o que está aí, agora, alcançamos um alto nível de descaso pela escola pública e uma extraordinária escola privada.

Quer dizer, os militares começaram na história recente da educação brasileira o trabalho fantástico de privatizar a educação brasileira, de privatizar o público no Brasil e a publicizar certos privados que não prestavam. Quer dizer, a troca é interessante: alguma coisa que não é boa, a gente torna pública e algumas coisas muito boas a

gente torna privadas. A escola pública foi então de roldão, no descaso e, de descaso em descaso, a escola pública chegou a essa situação de decadência e que tinha que assistir ao florescimento da escola privada caríssima e cada vez mais cara.

E eu até não estou criticando os empresários das escolas. É que a educação é cara, seja pública ou privada. Não se faz educação boa de graça. É cara. Em qualquer lugar do mundo ela é cara. Então ela é cara para o estado e é cara para o particular também. Os pais que não querem os seus filhos na escola pública, então que paguem, e paguem caro.

A situação hoje então é a seguinte: a quantidade de meninos e meninas que conseguiu entrar pela pressão política da classe trabalhadora nas escolas públicas é que levou também à decadência da escola pública e o que acontece então com essas crianças?

Se vocês pegarem, estudarem, fizerem um estudo, por exemplo, pegarem uma quantidade meninos brasileiros e meninas brasileiras que em 1992 entraram no primeiro ano da escola pública brasileira e daí saírem acompanhando e, isso no país todo, a vida escolar de geração que entrou neste ano, vocês vão ver que uma quantidade mínima, um percentual mínimo, irrisório, chegará ao fim. A grande maioria, a esmagadora maioria se esfacela no meio do caminho.

Por exemplo, da primeira para a segunda série, em que a criança deve alfabetizar-se, há o primeiro grande corte. As escolas têm professoras mal preparadas, não é possível hoje pensar em alfabetização de adultos ou de crianças e, sobretudo de crianças e, até diria que não é possível tratar da questão da alfabetização sem uma séria e rigorosa formação científica, política e pedagógica. Quer dizer, não é possível que quem lida com a alfabetização de crianças, não esteja razoavelmente especializado. Tem que ter uma razoável formação, não em termos de decorebas, mas em termos de compreensão científica do que significou o trabalho de um cara chamado Piaget, o que significou o trabalho de um outro sujeito, que em certo sentido, para mim, fez até mais do que Piaget tinha proposto e que se chamou Vigotski. Tem que estar mais ou menos informado com relação ao trabalho de uma extraordinária mulher argentina, chamada Emília Ferrero. Tem que estar convivendo com o trabalho, para mim também extraordinário de uma mulher

brasileira chamada Madalena Freire, que por coincidência é filha de um sujeito chamado Paulo Freire e, tem que conhecer Paulo Freire também. Saber o que eu fiz, o que eu propus e o que eu faço.

Em última análise, a alfabetização é uma coisa séria. Não é um fim de semana na praia, um negócio sem esforço. Por outro lado, é preciso de uma politicidade, uma politização da educação e da alfabetização. Quer dizer, as professoras são formadas pessimamente nas escolas normais e não tem nenhuma noção do que é classe social, não tem noção nenhuma, como é que você pode trabalhar em alfabetização sem ter um mínimo de convivência com a compreensão profunda do fenômeno da linguagem. Não pode. Alfabetização não é BA – BE – BI – BO – BU. É jogar com a linguagem humana. Um troço muito sério. E não se faz nada disso.

E então o que é que faz a educadora que alfabetiza as crianças na maioria das escolas brasileiras? Quer dizer, ela não tem apenas métodos de trabalho e eu dou muita importância aos métodos. Eu acho que sem método não se faz nada, mas os métodos se inventam, as técnicas se fazem na hora.

Mas as professoras descuidam de tal maneira, pela ignorância, pela ideologia elitista que está metida no corpo delas, de que, por exemplo, os meninos populares, das favelas, do povo, são meninos que não aprendem, porque são incapazes de aprender. Uns dizem, pelo menos uma coisa menos mal, menos ruim, eles não aprendem porque eles têm fome. Como eles têm fome, eles perdem inteligência, o que não é cientificamente correto. Está tudo errado isso, do ponto de vista científico. O fato é que se pretende impor aos meninos da favela a linguagem chamada do padrão culto, que é isso que eu estou falando aqui, que nós estamos falando aqui, quer dizer, não se respeita a estrutura de pensamento dos meninos do povo, dos meninos dos pobres. Então os meninos dizem: *a gente chegamos* e a professora manda eles calarem – não pode repetir isso. Isso é um erro. Isso é um absurdo, não pode falar assim, mas é assim que fala o pai do menino, é assim que fala o irmão do menino, é assim que fala o vizinho do menino, porque o vizinho é de classe, o vizinho é de classe. E a vizinhança, por exemplo, quando uma favela se instala defronte a uma área burguesa, não há nenhuma relação entre os favelados e os burgueses. Nenhuma. Estão a dez metros e não se conhecem, porque a distância é social e não geográfica. Estão a dez metros na geografia e a um milhão de metros, socialmente falando. A

distância social é uma coisa e a distância geográfica é outra. Então é preciso capacitar diferentemente as professoras.

Bem, mas eu não vim, a minha resposta não é essa. O que está acontecendo então, quando alguns desses meninos conseguem alfabetizar-se, ou por genialidade deles ou porque a professora é menos ruim, menos incapaz e consegue se alfabetizar e aí passa para a segunda série e da segunda ele consegue passar para a terceira, da terceira para a quarta começa outro e, isso é provado por estatísticas no Brasil, da terceira para a quarta existe outro empecilho que emperra uma quantidade enorme de outras crianças. Há uns poucos que passam para a quarta série e, da quarta para a quinta, aí então há outro corte fantástico de crianças. E vejam bem, nenhum menino, filho de vocês, de nós aqui, nenhum deles perdeu a escolaridade. O problema é excepcional. Nenhum. Todos passaram, fizeram a sua escolaridade completinha. Todos.

E de novo a minha pergunta: É porque papai do céu tem raiva dos meninos pretos, é porque papai do céu é racista, é porque papai do céu é classista, defende a classe burguesa. Não. Nada disso. É porque a classe burguesa desse país tem uma capacidade de ter raiva da classe trabalhadora como nenhuma outra burguesia do mundo, e eu conheço o mundo todinho, nunca vi classe dominante mais malvada de que essa. Não conheço. A daqui ganha o campeonato e campeonato mundial.

Agora vejam onde eu quero chegar: de um lado, aqueles oito milhões que não tem escola, do outro, uma parte popular que entra, mas é expulsa da escola e os especialistas dizem, chamam isso de evasão escolar. A evasão escolar, eu sempre digo ironicamente, eu ainda não soube, vi e eu sou meio curioso historicamente, eu ainda não li que tenha havido no Brasil e, até queria perguntar a vocês, algum congresso nacional de crianças, em que a decisão fundamental das crianças fosse evadir-se das escolas. Eu não conheço. Nunca houve esse congresso.

As crianças não se evadem. Elas são expulsas da escola burguesa brasileira. É isso que está acontecendo, por N razões. Veja bem, não é porque a professora Ana, Josefa, a professora Célia, Carla, elas individualmente tenham raiva dos meninos e expulsam os meninos. É a ideologia que está dentro delas. É o sistema. É a malvadeza do sistema, que leva objetivamente à expulsão dessas crianças. E elas nem sequer

sabem, muitas nem sequer sabem. Por exemplo, não é outra coisa senão a ideologia que possibilita uma coisa e, eu conheci isso em São Paulo, como secretário e vocês devem conhecer que, uma professora, no primeiro dia de aula, entre na sala, olha e diga assim: já sei quem passa e quem não passa. Como é que pode? Olhar para as crianças e dizer – aquele, aquele, aquele eu vou reter. Não vai passar. Pela cara eu já conheço. Quer dizer, isso não é possível. Isso tem que mudar.

Agora, o que está acontecendo então? Se você junta os que não entraram na escola com aqueles que apenas passaram pela escola e cuja regra é tão clara de que o analfabetismo vai se instalar, a quantidade de analfabetos neste país cresce cada dia mais e é o que está acontecendo. Então, diante desse fenômeno, primeiro, qualquer campanha no sentido de alfabetizar só os adultos, não dá para resolver a situação brasileira. Quer dizer, que pelo que a gente tem que brigar nesse país é por uma reorientação da educação brasileira, que partindo do respeito à escola pública, que partindo do respeito aos educadores da escola primária, ao pagamento menos imoral de seus salários, é preciso pagar decentemente ao trabalho pedagógico nesse país...

Não é possível que continuemos desse jeito. É preciso haver uma reorientação da política de gastos deste país. Não é possível que a distância entre o salário de um engenheiro, o salário de um administrador de empresas seja tão grande, do salário do professor da escola básica. Quer dizer, as autoridades desse país e, eu diria, elas não mudam se nós não as mudarmos. Somos nós que temos que mudar esse país. Somos nós que, indignados, temos que aprender a mudar, a tirar esse povo do poder, de desenganchar esse povo das árvores do poder desse país. Temos que botar outra gente no poder desse país. Temos que assumir esse poder, para com seriedade enfrentar esse problema.

Então, uma alfabetização de adultos sozinha, não dá, em primeiro lugar ela tem que estar simultaneamente com a solução do problema do déficit quantitativo da escola brasileira. Vocês têm que lutar e não é com esse diacho que o presidente da república está querendo inventar, que você resolve esse problema. Isso são outros quinhentos. Outros quinhentos. Ora..., quando o Lula estava candidato, houve, houve alguma possibilidade em algum momento no ar, de que eu talvez, eu fosse o ministro da educação. Eu conversei muito com o Lula, eu estudei isso, debati muito. Comecei até a pensar, eu acho que eu estava meio

ingênuo de que ganhava..., mas a gente perdeu no mundo inteiro.

Bem, lá em São Paulo, estudando, estudamos isso também, uma das coisas que a gente estava estudando era isso... Só tem dinheiro mesmo para pagar a dívida externa e meter o dinheiro nisso aí. Quer dizer, o que significa, o que significa você ter... Isso é muito sério, é muito sério, porque você tem que investir o dinheiro e não pode nem calcular. Quer dizer, o dinheiro para fazer escolas, que ponham oito milhões de meninos na escola e que estão fora dela. Mas a escola sozinha não resolve não. Você tem que ter professoras competentes para oito milhões de crianças e você tem que refazer as professoras que estão expulsando os meninos de hoje.

Quer dizer, você tem que fazer a formação permanente de quem já está e a formação extraordinária de quem não está..., do processo aí. Ainda você tem que formar merendeiras, tem que formar zeladoras, quer dizer, é toda uma textura profundamente complexa que custa, de um lado, muito dinheiro e do outro, muito tempo para formar. Quer dizer, você não forma um educador em pouco tempo. Vocês estão vendo, vocês trabalharam todos esses dias em Goioerê, oh palavra difícil, ela é tão bonita, quanto difícil de pronunciar, trabalharam dois dias, com uma equipe excelente, para dar forma, organizar um programa para dois anos, dois anos de formação decente. Não se forma, eu sei como secretário de educação em São Paulo, o que significa a educação permanente dos quadros de uma rede escolar.

Quer dizer, conclusão. Primeiro. Este negócio não tem força nenhuma. Está na Constituição, mas não vai se fazer e não pode se fazer em dez anos isso, do jeito que se desrespeita a educação no país. E você diz: então Paulo, o que a gente faz?

Eu acho, mais uma vez, eu volto agora e digo, a tua pergunta, Carlos. É assumirmos a indignação. Quer dizer, é começar a fazer a denúncia, é começar a fazer o anúncio da necessidade de enfrentar esse problema. Não cinicamente, pensando apenas que a gente deve fazer uma alfabetização de adultos, uma coisinha caridosa, quer dizer, nada disso.

Isso é um processo político, eminentemente político, que não se faz sem uma decisão política. Mas ao lado da decisão política você tem que ter também a competência científica, a competência técnica.

Você tem que ter a capacidade de formar quadros capazes, o mais perto possível. Quer dizer, é trabalho que leva tempo. E todo esse tempo que a gente está perdendo em não gritar... Eu queria fazer um apelo ao sindicato agora, um apelo que possivelmente já nem..., quer dizer que vocês já..., eu conheço a briga de vocês, mas eu faço o apelo, que é o seguinte: mobilizem, continuem mobilizando aos educadores e educadoras do Paraná, para a briga necessária e justa pelos salários, pela melhora dos salários, mas briguem também pela melhora da educação. Quer dizer, não paralisem as lutas de vocês apenas no nicho dos interesses econômicos, que são fundamentais..., sem a barriga cheia a cabeça não pensa. Mas não é possível brigar só pela barriga.

É preciso, é preciso desnudar a sem vergonhice dos homens públicos e das mulheres públicas, de nível burguês, da ideologia burguesa desse país, que desrespeitam a educação e aos educadores. Ao mesmo tempo em que se faça uma greve contra medidas arbitrárias do poder, ao mesmo tempo em que se mobiliza a categoria para a luta pelo melhor salário, se ponha um item que contenha a luta pela melhoria da escola pública. Quer dizer, é preciso mobilizar a opinião pública desse país, na defesa da nossa escola pública. Não tem que combater a escola pública porque ela não presta, pelo contrário, ela sempre foi muito boa e pode ser boa.

O educador da escola pública brasileira não tem culpa, inclusive, da sua incompetência, mesmo quando ele não é competente. A culpa é do Estado. Outra coisa que eu queria também propor ao sindicato é que exigindo a formação permanente ao Estado, não reduzir o sindicato de ter em suas mãos uma parcela dessa formação permanente do professor.

A categoria precisa ter nas mãos a sua própria formação e não entregar a sua formação ao Estado burocrático. Ela precisa ter, o sindicato tem que testemunhar isso, o sindicato tem que dizer à categoria: nós temos possibilidade de fazer e, queremos fazer e terminar a formação permanente, etc. etc. etc.

Para terminar, meu caro Jacó, é preciso lutar muito contra esse perigo que a gente está vivendo hoje em dia, que é o de certas mudanças da Constituição, no sentido de um liberalismo que nos atrasará, que facilitará cada vez mais a classe dominante, que dizem que não existe, mas dizem que não existe, exatamente para continuar existindo. Temos

que brigar muito contra isso, temos que lutar, mobilizar, mas eu pelo menos não tenho nenhuma..., eu nunca tive os sonho de acabar isso em dez anos, com esse tipo de governo, que está aí. Pode ser que com outro, possamos até ganhar um pouco de tempo. Obrigado e desculpem porque eu demorei muito nas respostas.

Pedro Elói Rech

► Paulo Freire, com relação ao nosso sindicato a prioridade número um, realmente é essa: a formação política e pedagógica do professor. Entender que nós vivemos numa sociedade de classes e que, dentro dessa sociedade, dividida em classes, a gente não se posicionar do lado errado, o que, no entanto, muitas vezes acontece.

Por que é que existe a escola pública? Por que a burguesia dá a escola pública, desde os primeiros momentos? É para padronizar o pensamento. Ter duas classes sociais básicas e uma forma só de pensar.

Paulo Freire, quando você colocava no começo, que você gostou de ouvir, que você se conhece, que você se conhece, mas que gosta de saber que os outros também te conhecem, a gente quer aqui também dar um testemunho. Quando nós conseguimos concretizar este sonho de o termos em nosso meio, as pessoas não acreditavam. As pessoas diziam: Não é possível. Paulo Freire em Umuarama não! E as pessoas diziam: isso é demais para nós.

Paulo Freire: importante é sentir..., mas importante também é dizer, é manifestar..., o quanto o senhor é querido. A gente testemunhou isso e é muito importante para nós aqui, manifestar isso ao senhor.

Eu não estou incluído aqui para provocar, mas eu não resisto em dizer algumas palavras. Paulo Freire, o momento que o senhor nos proporcionou hoje é maior, muito maior do que a capacidade que o nosso sindicato tem. Nós estamos aqui hoje com um dos maiores educadores do mundo, estamos com pessoas ilustres da Universidade Estadual de Campinas, que como o Jacó falou, é onde realmente mais se produz conhecimento. Estamos com a Universidade Estadual de Maringá aqui presente e o nosso sindicato é tão pequeno. Vocês todos



proporcionaram este momento para que o nosso sindicato fosse maior do que é a força, da capacidade, da capacidade que ele realmente tem.

Paulo Freire, nós queríamos lhe dar um presente e, quando a gente pensou em dar esse presente nos reunimos e pensamos. Pensamos em lhe dar uma coisa que o tocasse e nesses termos a gente fez um quadro, onde alguma coisa sua esteja presente. E uma das coisas que colocamos é a da tridimensionalidade do tempo do ser, que já foi aqui colocada com a transformação, pela passagem, pela história; a tridimensionalidade do ser, o passado, o presente, o futuro, a utopia, os sonhos. E também procuramos colocar outra preocupação sua. Eu gostei demais, quando o senhor falou em Goioerê sobre isso – que ninguém voa pelo mundo sem ter raízes fincadas em algum lugar. A solidez do pensamento, de uma raiz, realmente ela é garantida pela cientificidade do pensamento, onde realmente, ele tenha raiz e alicerces fortes.

Nós queremos convidar a delegada de base do sindicato dos professores, do núcleo de Umuarama, a professora Marilza, para entregar o presente que nós temos para Paulo Freire. Queremos ainda destacar que é um presente feito por um artista, por uma artista aqui de Umuarama.

Marilza Dias Ferreira

► Estou entregando em nome do APP-Sindicato e em nome de todos os presentes e em nome das pessoas que ainda são capazes de se indignar aqui na nossa região e em todo o Brasil.

Paulo Freire

► De modo geral, em todo mundo, quando se recebe um presente, a gente abre. Mas aqui, está tão bem feito..., eu viajo amanhã..., mas então vamos abrir

(O quadro é uma pintura que retrata o índio – escultura do bosque do índio – homenagem ao povo Xetá, que habitava a região de Umuarama) v. Adriano lê a frase: “Ninguém voa pelo mundo – sem ter a sua raiz”.

Pedro Elói Rech

► Bem gente, aqui já foi feita, cada participante da mesa já fez a sua provocação e nós gostaríamos de agora abrir para o plenário também fazer a sua participação, fazer a suas perguntas para o nosso companheiro Paulo freire.

Paulo Freire

► Aqui eu me sinto moço, jovem e cheio de vida, mas eu já tenho 70 anos e meio. Mas, esse negócio existe mesmo, eu canso. Eu venho vivendo um ritmo muito intenso. No momento estou terminando de escrever um livro e tenho mais dois outros para escrever e quando eu escrevo, eu sofro um desgaste muito grande e eu escrevo meio direto. Eu escrevo no hotel e não durmo sem escrever um período, ao menos. De maneira que eu estou um pouco cansado.

Quarta feira próxima, por exemplo, eu vou amanhã para São Paulo e na quarta feira, mas eu já tenho uma reunião quando eu chegar em São Paulo e então, na quarta feira eu viajo para Lima, se a situação política não estiver..., pior. Vai haver uma reunião para discutir os anos setenta, para discutir o discurso neoliberal de hoje, frente a teologia da libertação e a pedagogia do oprimido. Eu acho que isso tudo é muito importante, mas eu estou meio cansado, meio exausto. Vi que vocês também estão apesar do conforto desta sala.

Peço desculpas a vocês, de vocês não terem diretamente entrado no debate, mas acho que vocês fizeram parte também do movimento desse debate, das discussões. Então eu deixo o meu muito obrigado e fico contente de vocês me perdoarem, de me deixarem sair daqui, sem mais debate. Um abraço para todo mundo.

Pedro Elói Rech

► Nós mais uma vez queremos agradecer ao professor Paulo Freire, companheiro Paulo Freire, acima de tudo. Agradecer aos participantes do debate, professores da UNICAMP, da UEM, professora Irma.

Agradecemos a colaboração da casa da cultura que nos cedeu esse espaço para que o encontro acontecesse e o nosso agradecimento renovado a todos aqueles que permitiram esse nosso encontro hoje e a todos vocês, que realmente... Eu acho que saímos todos engrandecidos nesse momento. Todos nós ouvimos, mas o importante – e voltamos à frase original – não é ouvir, não é o pensar, o importante é o transformar.

Que realmente, desse encontro nosso hoje, em que discutimos o saber, o pensamento e a educação, nós, cada um de nós, encontre dentro de si energias para continuar ou para começar a praticar uma educação progressista, uma educação transformadora.

Muito obrigado Paulo Freire, muito obrigado companheiros da Unicamp, professor Jacó da UEM e muito obrigado a todos vocês porque realmente levamos daqui a certeza de que Umuarama se engrandeceu com este encontro e que poucas vezes, ou talvez em nenhuma outra oportunidade a casa da cultura de Umuarama, teve a lotação que ela teve hoje e em nenhum momento e, disso temos certeza, esta casa foi realmente tão grande de aprender tão ricos ensinamento, em que ela melhor cumpriu a sua função como casa de cultura. Muito Obrigado.

Direção Núcleo Sindical de Umuarama – PR

Gestão 2011 - 2014

Sérgio Marson

Presidência

Aparecida Joana Sarmento Armando Posseti Filho

Secretaria Geral **Secretaria de Imprensa e Divulgação**

Marilza Aparecida Dias Ferreira Ivone Ferrari
Secretaria de Finanças **Secretaria de Sindicalizados**

Anésio Rebeca Olímpio Pereira de Oliveira
Secretaria de Administração e **Secretaria de Assuntos Jurídicos**
Patrimônio

Gercina Dionísio Belançon **Secretaria de Política Sindical**

Neusa Miguel Loureiro **Secretaria de Políticas Sociais**

Luiz Carlos dos Santos **Secretaria de Funcionários**

Sueli Regina Rovaris de França **Secretaria de Gênero e Igualdade Racial**

Sebastiana Ruiz Garcia **Secretaria de Saúde e Previdência**

Secretaria de Formação Política Sindical



APP- Sindicato dos Trabalhadores em Educação Pública do Paraná

Núcleo Sindical de Umuarama - Rua Helena Kolody, 1108 - Jardim Novo Milênio

CEP: 87508-347 - Umuarama – PR - Fone: (44)3622-1475 - E-mail: umuarama@app.com.br